

REPRESENTAÇÕES QUIXOTESCAS NO CAPITÃO VITORINO, EM *FOGO MORTO*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Paulo Roberto da Silva CRUZ<sup>1</sup>

José Alonso Tôrres FREIRE<sup>2</sup>

RESUMO

Neste estudo, realizou-se uma análise das características quixotescas na personagem Capitão Vitorino, do romance **Fogo Morto**, de José Lins do Rego. Para tanto, foi feita uma delimitação de um conjunto de elementos encontrados na personagem D. Quixote, de Miguel de Cervantes, possíveis de também serem verificados na personagem Capitão Vitorino, de **Fogo Morto**, tais como a solidariedade e a busca de justiça, além do dramático e do cômico, atuando simultaneamente. Somando-se a isso, discute-se, ainda, a ideia do ser e agir quixotesco e a figura do herói de idealismo abstrato, para uma maior compreensão da construção da personagem aqui em estudo. Por fim, foram avaliados os pontos convergentes e divergentes entre a personagem Capitão Vitorino e o herói com características quixotescas, na tentativa de comprovar as possíveis semelhanças na composição das personagens construídos em momentos históricos e literários distintos.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. José Lins do Rego. **Fogo Morto**.

1 INTRODUÇÃO

No presente estudo buscou-se, através do que a crítica costuma chamar de quixotesco, analisar as possíveis semelhanças entre a criação do espanhol Miguel de Cervantes, **Dom Quixote da Mancha** (1963<sup>3</sup>), com a obra do escritor paraibano José Lins do Rego, **Fogo Morto** (1984), publicada em 1943, especialmente com relação a personagem Capitão Vitorino, deste último romance.

Delimitaram-se aqui alguns elementos que constituiriam o que se entende por quixotesco: a mescla do cômico com a dramaticidade, a relação problemática entre idealismo e realidade, a proximidade com a loucura, a visão distorcida do real, o engrandecimento heroico, a luta por justiça e o combate às injustiças, além da defesa dos oprimidos.

Considerando este conjunto de elementos, buscou-se enquadrar um determinado

<sup>1</sup> Licenciado em Letras/Literatura pela UFMS, Campus de Aquidauana.

<sup>2</sup> Professor de Literatura Brasileira no Campus de Aquidauana/UFMS, orientador do trabalho.

<sup>3</sup> Como se sabe, a primeira parte do **Dom Quixote** foi lançada em 1605 e a segunda em 1614.

tipo de herói em que se encaixam os tipos quixotescos, como o Capitão Vitorino, recorrendo para isso às ideias de Lukács (1962) de que D. Quixote pode ser entendido como herói do tipo abstrato, conceito que será explorado mais adiante.

Por conseguinte, nos apropriamos do conceito desse tipo de herói para auxiliar na definição de outro herói, da literatura brasileira, que é o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, um dos protagonistas do romance **Fogo Morto**.

É importante salientar que, com os comentários à obra de Miguel de Cervantes, não pretendemos fazer uma análise exaustiva do grande romance que é o **Dom Quixote**, residindo o foco dessa análise na obra de Lins do Rego, salvo a lembrança de algumas passagens do romance e a constatação das diversas interpretações do Quixote, que tem como origem o contexto e a época em que cada leitor está inserido. Este estudo, assim, focaliza o entendimento do significado de ser quixotesco e de como isso se dá com a personagem de Capitão Vitorino de **Fogo Morto**.

Primeiramente, empreendemos um breve panorama do romance **Dom Quixote de La Mancha**, no qual se destacam as diferentes formas de leituras possíveis e de interpretação do mesmo, e como, ao longo dos séculos, seus leitores podem lançar olhares diferentes para a mesma obra literária.

Em seguida, foi realizado o estudo das características quixotescas que, por fim, serão examinadas no romance **Fogo Morto** ao longo das aparições da personagem Capitão Vitorino na narrativa, observando como suas ações estão de acordo com muitas das características que foram realçadas na compreensão do que seria a personagem quixotesco.

## 2 O ROMANCE *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*

O romance **Dom Quixote de La Mancha** foi publicado em duas partes, a primeira no ano de 1605, e a segunda em 1614, possui inúmeras traduções para as mais diversas línguas do mundo, figurando entre as obras mais lidas, difundidas e se tornou uma referência para muitos escritores ao longo da história da literatura.

Como vários autores afirmam, encontramos diálogos deste romance nas obras de escritores como Dostoievski, com o **Idiota**, em Fielding, com **Tom Jones**, em Balzac e Flaubert. Na literatura brasileira, costuma-se lembrar muito de Lima Barreto, com seu Policarpo Quaresma, e José Lins do Rego, com o Capitão Vitorino, personagem objeto

de estudo deste trabalho.

Já passados quatrocentos anos, o legado de Miguel de Cervantes continua a ser lido e admirado no mundo todo, constando sempre na lista dos clássicos literários recomendados para leitura.

A estrutura central do romance se resume nas aventuras de um fidalgo, Alonso Quejana, que depois seria chamado D. Quixote, ou o Cavaleiro da Triste Figura, que, após excessivas leituras dos romances de cavalaria, passa a vivenciar os hábitos e costumes dos heróis dessas leituras, projetando a ficção na realidade. Em seu percurso atribulado, é acompanhado de um aldeão próximo, Sancho Pança, e saem em busca de aventuras para provar sua honra, coragem e fazer justiça, imbuído dos ideais de cavalaria.

No entanto, devido aos mais de quatro séculos desde sua publicação e a variante histórica que se modifica ao passar dos tempos, surgem novos pontos de vista, diferentes linhas interpretativas e de sentidos para a obra de Cervantes, comprovando-se, assim, o quão complexa e rica pode ser a leitura do **Dom Quixote**, com várias possibilidades de fruição.

Julio Garcia Morejon (1963), bem vê isso quando afirma:

No Quixote se concentra os mais inesperados caminhos da psicologia humana, constituindo, ainda, esta obra, um repositório de conhecimentos sintetizados que mostram a grande experiência vital e cultural do autor. Há quem tenha chegado a descobrir até mesmo uma teologia quixotesca; outros falam de uma filosofia que se depreende a cada passo da obra: Unamuno diria que é a filosofia de não morrer, de criar e crer a verdade, a filosofia de Dulcinéia, a de D. Quixote [...]. (MOREJON, 1963).

Chamar atenção para as múltiplas construções de significações que pode conter o Quixote se faz importante para esclarecer que, ao se escolher traçar paralelos entre personagens de duas literaturas distintas, seja na língua, seja no tempo, como é o caso das obras **Fogo Morto** e **Dom Quixote de La Mancha**, tem-se a consciência do cuidado de buscar se extrair algo claro das bases do romance cervantino, para então aproximá-lo do romance brasileiro, justamente por causa do grande conhecimento que parece estar disseminado na obra, como bem explicitou Morejon no trecho acima citado.

Otto Maria Carpeaux (2003, p. 12-14), em seu estudo intitulado **Cervantes e o Dom Quixote**, nos traz mais informações sobre as diversas formas de se fazer a leitura de D. Quixote. Diz o autor que o romance de Cervantes já foi encarado como apenas um

livro burlesco, para causar o riso no leitor e que Cervantes escreveu o Quixote com o intuito de deslegitimar a posição de destaque que ocupavam os romances de cavalaria na época.

Em outra tese, Carpeaux aponta que **Dom Quixote de La Mancha** seria uma espécie de símbolo da “louca aventura” espanhola, absolutista e fanaticamente católica, nos tempos finais do século XIX, quando o império espanhol se esfacela diante de outras potências europeias, perdendo muitas de suas ricas colônias, mostrando, assim, como uma narrativa complexa como essa pode ser lida de maneiras diversas em épocas diferentes.

O fato de Cervantes ter composto o Quixote em prosa, opondo este gênero à poesia, então em voga, permitiu com que o poeta alemão Heine, segundo Carpeaux, declarasse que:

O verdadeiro tema do Dom Quixote é a derrota da poesia pela prosa. Dom Quixote é o último ou um último representante da poesia dos tempos idos. Mas é derrotado pela implacável prosa da realidade. A poesia, com todas as suas imaginações fantásticas, é derrubada assim como Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, caiu do seu cavalo Rocinante, caricatura do cavalo alado Pégaso. (CARPEAUX, p. 14).

Podemos então ressaltar, pelo exposto até aqui, que o romance **Dom Quixote de La Mancha** não se limita a uma única interpretação e sim a várias possíveis e que o leitor de determinada época ou de épocas distintas, pode atribuir um olhar diferente sobre a obra de Cervantes. Ou seja, como mostrou Borges, em seu conto *Pierre Menard*, autor do **Quixote** (1999), os sentidos desse romance variam bastante ao longo do tempo, mostrando que todas as gerações posteriores à publicação do romance continuam encontrando ali algo de relevante.

Desta forma, realizamos estas considerações para levantar algumas das características do Quixote para a base das análises a seguir sobre a personagem Capitão Vitorino, de **Fogo Morto**, no que há de semelhante nos seus percursos narrativos.

### 3 ALGUMAS DEFINIÇÕES SOBRE O QUIXOTESCO

A essência do espírito quixotesco em personagens da literatura brasileira já poderia ser notada muito antes da publicação de **Fogo Morto** em 1943. Exemplo disso é

o escritor Lima Barreto com seu **Triste fim de Policarpo Quaresma** (1983), publicado em 1911. Seu personagem, Policarpo, devido ao ufanismo idealista e desassossegado, imbuído de grandes valores voltados para o desenvolvimento e a grandeza da pátria brasileira, acaba levando o leitor, em um momento ou outro desta narrativa, a comparações quanto ao procedimento do “agir”, que é marca essencial e, porque não, original da criação de Miguel de Cervantes.

Conforme avançamos nas leituras de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, de Lima Barreto e **Fogo Morto**, de José Lins do Rego, evidencia-se que seus protagonistas agem de forma determinada visando ideais de justiça, políticos e sociais e não hesitam em defender aquilo em que acreditam.

Neste estudo, o enfoque da análise recairá sobre a personagem Capitão Vitorino, observando-se até que ponto o mesmo se encaixa no perfil quixotesco, no qual, por meio de uma releitura da obra de Lins do Rego, possamos ressaltar os possíveis ideais que o impulsionam ao agir e nos permitam compará-lo com o cavaleiro de Cervantes.

Para que se possa visualizar melhor a atuação quixotesca da personagem Capitão Vitorino em **Fogo Morto**, faz-se necessário delimitar um sentido ao modo de compreendermos o que seria o quixotesco. Um bom exemplo disso podemos encontrar na forma atuante do Cavaleiro da triste figura, como afirma Dantas:

Cada vez que, em nossa própria vida, nos recusamos a uma *salida*, porque sabemos que o nosso ato não terá força sobre as condições externas e assim não poderá remover os obstáculos opostos ao nosso intento, estamos agindo contra o espírito de D. Quixote. (DANTAS, 1979, p. 45).

Em outras palavras, agir quixotescamente seria o acreditar em si e, apesar das contrariedades ou adversidades, desacreditar as forças opostas, buscando sempre uma saída de algo conflituoso. Por isso, o mesmo autor citado acima afirma: “E cada vez que saímos para o impossível, deixando nas mãos de Deus o segredo da germinação de nossas ações, é conforme o Quixote que estamos procedendo” (DANTAS, 1979, p. 46).

Assim, os atos quixotescos são de muito maior efeito na mente de quem os pratica e, por mais grandiosos ou insignificantes que sejam, configuram-se estes como atos elevados e poderosos internamente na imaginação de quem os constrói. Seus efeitos práticos no mundo real nem sempre correspondem com o tamanho do ideal de tal ato em que acredita seu mentor.

Porém, é justamente nesse contraste entre idealização, interna, portanto,

conjugada com a dura realidade, externa, que reside a beleza do ser quixotesco. Há nesse fato, como bem disse Dantas, uma “grandeza” como essência do espírito idealista, que o coloca acima da baixeza das misérias terrenas. Há um choque entre ideal e real do qual muitas vezes advém o fator cômico e, simultaneamente, o dramático.

Um dos fascínios do Quixote está justamente no otimismo desenfreado, em sua firme disposição para cumprir com seus ideais, mesmo sendo inatingíveis, mesmo estando evidente o insucesso de suas ações. Exemplo disso está na batalha com os moinhos de vento, na qual o cavaleiro via gigantes a serem combatidos e Sancho o alerta sobre o que na verdade iria atacar, mas este é rechaçado pela visão de D. Quixote:

— Atente bem, Vossa Mercê. O que se descortina além fora não são gigantes, mas moinhos de vento. E o que parecem braços não são senão as velas que, sopradas pela aragem, fazem girar as mós.

— Bem se vê que és um pexote em matéria de aventuras. São gigantes, que to digo eu. Se tens medo, põe-te de largo e reza enquanto eu vou entrar com eles em fera e desigual batalha. (CERVANTES, [entre 1973 e 2000], p. 83).

Após o embate e o desastre que sucede a D. Quixote, o mesmo justifica a realidade dos moinhos com o feitiço que lhe foi imposto pelo nigromante Frestão, que havia roubado seus (do Quixote) livros e sua sala de leitura e “que agora converteu os gigantes em moinhos para privar-me da glória de os vencer” (CERVANTES, [entre 1973 e 2000], p. 83).

O embate com os moinhos é um exemplo de quando D. Quixote é tocado pela realidade e assim mesmo não se deixa convencer, pois sua imaginação, guiada por seus princípios de cavaleiro andante parecem ser mais fortes que sua racionalidade, e acreditando ainda ser cavaleiro, deve seguir em frente, independente das adversidades, apontando-nos o caminho de seu ideal.

Julio Garcia Morejón diz que a crença no seu próprio agir é o que faz de D. Quixote um idealista, mesmo que transite entre o cômico e o trágico, mesmo distorcendo a realidade:

O maior atrativo da psicologia de D. Quixote está no seu poder de apaixonar os homens com sua loucura e a tragédia se consuma quando vê que foge em debandada um exército de gigantes e a torpe realidade insiste em fazê-lo ver que são carneiros. Mas sua psicologia se completa quando não dá o menor crédito à realidade. Sancho conseguirá convencer seu amo? Não. Nisso reside a grandeza da alma quixotesca. O que forja o mundo não é nada mais do que a vontade. E a vontade de D. Quixote, que chega a suprimir o raciocínio, é extraordinária. (MOREJÓN, 1963, p. 15).

Outro ponto importante de D. Quixote, além de sua disposição para o combate, real ou imaginário, está no trato polido com seu interlocutor, pois além de cavaleiro, é um cavalheiro (de certa maneira o primeiro pressupõe o segundo) e segue uma linha de conduta que lhe impõe trato respeitoso com as damas, seus iguais e subordinados. Em sua compaixão, quando movido pelo espírito da justiça, livra um homem do espancamento de seu senhor, assim como liberta presos, condenados, questionando o motivo de suas prisões.

Contrariamente a esta polidez de D. Quixote, veremos na personagem Vitorino que este é rude e orgulhoso quando interpelado por indivíduo considerado para ele de posição social inferior a sua. Isso não significa que deixará de desempenhar seu papel de valorizar o conjunto das causas humanas, pelo contrário. Como veremos mais adiante, Vitorino reage com certa rispidez em certos momentos, mas seu espírito sensível ao sofrimento e às necessidades dos outros acaba prevalecendo.

Retornando à questão cavaleiresca de D. Quixote e reforçando, quanto ao seu esmero no tratamento pessoal, exceto quanto a Sancho quando este o irrita, José Veríssimo, bem observa isto, quando afirma que “[...] somente D. Quixote é capaz de ser a generosidade, a magnanimidade, a coragem e o devotamento ao próximo ou a devoção a um ideal, de ser bom até ao carinho e forte até a heroicidade. (VERÍSSIMO, 2003, p. 444).

Também importante para compreender este agir quixotesco, a caracterização ou tipologia da personagem de Miguel de Cervantes, é a noção de que, segundo Lukács, o Cavaleiro da triste figura seria uma personagem de idealismo abstrato. D. Quixote agiria, assim, influenciado por meio de um “demonismo” em sua mente que lhe causaria a impossibilidade de distanciar o ideal e a ideia, ou de saber separar o que seria real do não real:

O demonismo que corresponde a este encurtamento da alma é o do idealismo abstrato. É a aptidão interior que impede necessariamente todo o acesso imediato e direto a realização do ideal; que na sua cegueira demoníaca, esquece toda a distância entre o ideal e a idéia, entre o espírito universal e a alma individual: quem, numa fé verdadeira inabalável, conclui pelo dever ser da idéia a sua existência necessária e acredita que, se a realidade não corresponde a este *a priori*, é sinal de que está enfeitada por maus gênios [...]. (LUKÁCS, 1962, p. 99).



Lukács defende que, entre os possíveis tipos de heróis que possamos nos deparar na ficção literária, é muito característico aquele que se apresenta de forma como se estivesse enfeitado, que tem diminuído seu poder de percepção sobre a distinção do que seja tido como verdadeiro, real, daquilo que vem do imaginário: o herói de idealismo abstrato.

Esses são heróis com um fator psíquico diferenciado, que os motiva a viver entusiasmadamente suas ideias, causando estranhamento em seus interlocutores, fazendo com que estes creiam que aqueles estejam fora de si, de sua razão, aparentando estarem possuídos por força além das que verdadeiramente possuem, daí o demoníaco, podendo desta forma enfrentar solitariamente um exercito inteiro ou poderosos gigantes.

Numa tentativa de síntese das ideias de Lukács, podemos concluir que o ser quixotesco leva em conta uma interiorização de um ideal, por exemplo, o de justiça, tanto em D. Quixote, como o que também ocorre com a personagem de Capitão Vitorino, sendo este ideal a causa de uma impossibilidade de ver as coisas como elas verdadeiramente são, ou seja, de compreender a realidade da mesma forma que a maioria compreende e vê. Vemos que tanto o Quixote quanto Vitorino forjam seu próprio mundo, como veremos na análise realizada no próximo item.

Sendo assim, os ideais presentes nas essências das personagens D. Quixote e Capitão Vitorino seriam os responsáveis por deformações na capacidade de compreender o real, e quando em defesa de suas práticas, possuem atributos como, por exemplo, coragem desmedida, que beira a loucura, causa um efeito cômico e demonstram intensa sede de aventura.

Depois de tudo que foi dito até aqui das qualidades do herói de Cervantes, passemos a uma análise da obra de José Lins do Rego, observando ao longo da narrativa, como se faz a trajetória com a presença da personagem Capitão Vitorino e como ele se comporta de acordo com as características quixotescas.

Desta forma, podemos traçar paralelos entre o cavaleiro de Cervantes e o cavaleiro de Lins do Rego, o que nos permite saber até que ponto a criação literária Capitão Vitorino se aproxima da criação universal D. Quixote e como podemos relacioná-los.



#### 4 O QUIXOTESCO NA PERSONAGEM CAPITÃO VITORINO

**Fogo Morto** (1970), publicado em 1943, é um romance com três protagonistas, os quais dividem a obra em três partes intituladas por cada uma destes, a saber, Mestre Amaro, Coronel Lula e Capitão Vitorino, em que cada personagem título possui maior relevo em relação aos demais na parte que lhe cabe na narrativa. Ao Capitão Vitorino é destinada a terceira e última parte, mas sua presença é constante ao longo de toda narrativa, o que estabelece a ligação interna entre as partes, como constata Afrânio Coutinho sobre a divisão da obra, afirmando que “as três partes são conjugadas pela presença quixotesca do Capitão Vitorino” (COUTINHO, 1996, p. 354).

Também Benjamin Abdala Junior está de acordo com a importância desta personagem para a composição da unidade da obra quanto a sua construção, ao afirmar que

[...] embora o romance tenha sido dividido em três partes, centralizadas numa personagem (Amaro, Lula e Vitorino), é este último que dá unidade ao conjunto da obra pela presença dinâmica em cada uma delas e pela síntese que reúne todas as linhas narrativas na parte final”. (JUNIOR, 1984, p. 272).

O que buscaremos aqui será, através de tudo que foi exposto no item anterior sobre as características e qualidades da personagem de D. Quixote, e o que se pode compreender por personagem quixotesco, uma abordagem sobre os fatos narrados do agir da personagem de Vitorino Carneiro da Cunha, apontando os momentos em que suas ações possam ser vistas de acordo com sua proximidade com as características apontadas do herói de Cervantes.

É importante lembrar que durante todo o transcorrer da narrativa de **Fogo Morto**, no tocante às passagens relacionadas à personagem então enfocado, Vitorino, faz-se interessante observá-lo sob a ótica do herói de idealismo abstrato, ideia esta defendida por Lukács, ainda mais especificamente quanto à ideia de que a personagem quixotesco age por meio de um “demonismo”, como foi discutido anteriormente.

Assim, se D. Quixote também pode ser compreendido dentro desta tipificação de herói, a abstrata, encontramos um ponto em comum e inicial com a personagem da obra de Lins do Rego, fornecendo-nos uma relativa aproximação das características quixotescas.

O Capitão Vitorino surge logo no segundo capítulo da primeira parte da obra, andando vagarosamente em sua égua rudada, com os ossos à mostra, a sela velha, roída e a manta furada:

A égua vazava água por um dos olhos e a brida arrebetada enterrava-lhe de boca adentro. O pintor quis despedir-se, mas Vitorino queria falar mais. A cara larga do velho, toda raspada, os cabelos brancos saindo por debaixo do chapéu de pano sujo, davam-lhe um ar de palhaço sem graça. (REGO, 1984, p. 22).

Temos aqui uma primeira imagem que podemos traçar da personagem, já velho, descuidado e desacreditado pelas pessoas de seu povoado, que não o levavam muito a sério, tornando-o quase sempre alvo de chacota, inclusive de crianças que o perseguiam e o irritavam ao chamá-lo pelo apelido de “Papa-Rabo”, pelo fato de ter o costume de aparar o rabo de seus animais. Sua montaria também pode ser relacionada ao Quixote, pois ela é tão esquelética quanto Rocinante.

É importante salientar que, na construção da personagem do capitão, ao longo da narrativa, ele vai ganhando importância aos olhos dos outros personagens e também aos olhos do leitor, conforme seus confrontos com a realidade adquirem maior relevância e começam a despertar admiração pela sua coragem e seu ideal de justiça.

Vejamos como o mestre seleiro, José Amaro, vai, conforme os acontecimentos, mudando seu ponto de vista sobre o capitão Vitorino, partindo do descrédito até chegar ao ponto de admirar, como observou Antonio Candido (2011), o “rebento amalucado de gente boa”.

Em uma conversa com Pedro Boleeiro, José Amaro diz sobre Vitorino: “Eu não posso ver é pobre com chaleirismo, como esse Vitorino, cabra muito do sem-vergonha, atrás dos grandes, como cachorro sem dono.” (REGO, 1984, p.18). E ainda mais a frente, continua o narrador a expressar o sentimento do mestre José Amaro sobre o capitão:

Vitorino saltou da égua, amarrou o cabresto na cerca e chegou-se para perto da tenda. O mestre José Amaro olhou-o com desprezo. Sempre lhe causava mal-estar aquela companhia de um pobre homem que não se dava a respeito. Era demais aquela vida sem rumo, aquele andar de um lado para o outro, sem fazer nada, sem cuidar de coisa nenhuma [...], como um bobo, pelo mundo afora. (REGO, 1984, p. 24).

Até aqui, nota-se que o fato de Vitorino sair, assim como D. Quixote, de um lado

para o outro, aparentemente sem rumo, sem trabalho, sem objetivo definido, causa o desprezo de José Amaro, que vê em seu compadre um homem desvalorizado, que não merece muita confiança. No entanto, conforme o capitão Vitorino cresce em suas desavenças, e mostra-se protetor dos injustiçados, vindo em auxílio do próprio Amaro quando este é expulso de sua casa pelo senhor de engenho e também quando a filha enlouquece, José Amaro modifica sua concepção da figura do capitão, passando a vê-lo de forma mais positiva:

O compadre Vitorino não era, naquele minuto, o bobo que lhe causava repugnância, era um homem que ele amava, que ele queria defender do motejo dos outros, da impiedade dos moleques, da ruindade dos homens. Era como se fosse seu filho. (REGO, 1984, p. 55).

Em outra conversa com Capitão Vitorino, assim o narrador fala sobre os pensamentos de Mestre Amaro:

O mestre José Amaro ouvia o compadre sem uma palavra. Parou de trabalhar. Aquele velho era como se fosse uma criança grande, um menino levado dos diabos. No fundo, naquele instante, ele admirava Vitorino. Vitorino dizia tudo o que ele desejava dizer. Tudo que lhe ia na alma sobre os grandes da terra era o que aquele velho desbocado gritava aos quatro ventos, na cara dos poderosos. (REGO, 1984, p. 51-52).

Dessa forma, o Capitão Vitorino passa, aos poucos, a aumentar sua importância na narrativa. Isso se deve aos seus feitos e suas tentativas de realizar algo concreto para o local em que está a região paraibana das várzeas, onde predominam ainda os senhores de engenho, tendo a produção de açúcar como o propulsor econômico.

Como dissemos antes, o capitão é movido por ideais, sempre voltados à justiça, ao bem das pessoas, mesmo que isso não fique claro para as outras personagens. Para isto, ele sabe que necessita também agir no campo político. Para ele, a política e os políticos de seu tempo estão em atraso e apenas homens que acreditam como ele podem mudar o jogo político que se praticava na região.

Ao pedir o voto de José Amaro, Vitorino nos mostra um pouco de sua posição política:

— Compadre, as eleições estão aí. O Rego Barros é homem para botar ordem nessa Paraíba. Veja que quem lhe está falando é homem que conhece política como a palma da mão.

— Compadre, eu não estou pensando nestas coisas. Vivo aqui nesta tenda, e

quero sair daqui para o cemitério. (...)

— O que é um voto meu compadre?

— Um voto é uma opinião. É uma ordem que o senhor dá aos que estão de cima. O senhor está na sua tenda e está mandando num deputado, num governador.” (REGO, 1984, p. 55).

Possivelmente, o campo em que Vitorino mais se mostra idealista seja o da política. É neste campo que o herói se apresenta em maior conflito com a realidade. É aqui que seu idealismo se mostra mais abstrato e que Lins do Rego praticamente define seu herói. O mundo que Vitorino previa, sonhava, para ser praticado custaria esforços que resultariam em situações indesejáveis, como as surras que levou tanto da polícia como de criminosos.

Na terceira parte da narrativa, no capítulo VII, em determinado momento, o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha imagina como seria a cidade do Pilar com ele como prefeito:

Um dia tomaria conta do município. E tudo faria para que aquele calcanhar de Judas fosse mais alguma coisa. Então Vitorino se via no dia de seu triunfo. Haveria muita festa, haveria tocata de música, discurso do Dr. Samuel, e dança na casa da Câmara. Viriam todos os chaleiras do Pilar falar com ele. Era o chefe, era o mais homem da terra. E não teria as besteiras de José Paulino, aquela tolerância para com sujeitos safados, que só queriam comer no cocho da municipalidade. Com Vitorino Carneiro da Cunha não haveria ladrões, fiscais de feira roubando o povo. Tudo andaria na correta, na decência. (REGO, 1984, p. 262).

Esta passagem demonstra bem o quanto Vitorino era movido por seus ideais fortemente humanistas, desenhando uma utopia muito própria dele. A personagem está envolvida na tragicidade que transpassa o romance **Fogo Morto**, narrativa de uma época de transição que marca o fim dos engenhos e o início da industrialização, com a chegada das usinas. Ao mesmo tempo, a personagem torna-se cômico, muitas vezes próximo do grotesco.

O escritor paraense Dalcídio Jurandir<sup>4</sup> diz que Vitorino é “uma das mais importantes criaturas humanas que tenho encontrado pela sua realidade trágica, homem e símbolo, sem um traço de caricatura e que tornou maior e mais rica a humanidade do Brasil.”. (REGO, 1970).

Retornando à ideia defendida por Lukács de que o herói de idealismo abstrato

---

<sup>4</sup> A citação de Dalcídio Jurandir foi retirada de uma das edições de **Fogo Morto** consultadas para este trabalho (REGO, 1970).

teria no encurtamento da alma uma consciência mais estreita, o que impediria esse herói de medir as consequências de seus atos, pois está mais voltado para a ação, ou seja, voltado mais à prática, como acontece com o D. Quixote, o mesmo pode ser constatado em Capitão Vitorino, em quem também a força do inconformismo se coloca acima da realidade que o cerca.

Antonio Candido, em **Brigada Ligeira**, diz que em Vitorino

A força do ideal se sobrepõe à realidade da decadência e do ridículo. Redimido pela paranoia heroica, o velho Vitorino se eleva no conceito público. Os pequenos começam a respeitá-lo. O cego Torquato acha que ele é mandado por Deus. É o único que enfrenta os mandões, castiga os prepotentes, e defende os oprimidos. A sua candura e a sua coragem fazem dele um campeão, único homem da Várzea com sentimento e consciência das necessidades sociais e dos problemas políticos, porque não se aproximou deles com a bruteza dos chefes nem com a malícia habilidosa dos políticos, mas com a direta ingenuidade dos puros”. (CANDIDO, 2011, p. 61).

O Capitão Vitorino se autoneia defensor do povo contra os desmandos dos poderosos e são inúmeras as passagens no romance em que ele não mede esforços para tentar ajudar quem necessita, mesmo sendo inferior sua força. No entanto, apesar de combater pessoas influentes e mais poderosas econômica e politicamente, Vitorino conta com a sorte da proteção dos coronéis da região, por causa de seu parentesco com alguns deles ou a posição que ocupa naquela sociedade, de homem branco, livre, com patente de capitão (comprada), eleitor, proprietário de terra, apesar de pequena e improdutiva, assim como possivelmente seus ancestrais terem ocupado posição de destaque, contribuindo para a história do local.

Quando o Capitão desafia a autoridade do tenente da força policial e acaba por ser preso, homens influentes da região tentam libertá-lo:

Já havia na vila muitos senhores de engenho que tinham vindo livrar Vitorino. Todos queriam bem ao velho desbocado, mas cheio de tanta bondade. Sem juízo, dizendo o que lhe vinha à boca, tudo com a mais cândida inocência. Era um absurdo fazer aquilo com Vitorino. (REGO, 1984, p. 212).

As lutas sociais e políticas de Vitorino não são levadas muito a sério pelos senhores de engenho e autoridades em geral, inclusive as crianças, que vêem o velho como sujeito inofensivo, ingênuo e indisciplinado. Ainda assim, a persistência de Vitorino em defender seus ideais acaba por surtir efeitos quando o povo do Pilar vê

como heroicas suas atitudes e passam a respeitá-lo, lançando sobre ele um olhar de admiração: “Todos se espantavam da coragem, do jeitão atrevido do velho. Era homem que ninguém dava nada por ele e não tinha medo de coisa nenhuma”. (REGO, 1984, p. 212).

Esse excesso de coragem, o jeito atrevido e até sua arrogância auxiliam no caráter cômico da personagem que o acompanha ao longo de todo o romance. Porém, essa comicidade, o humor que advêm de Vitorino devido às suas atitudes conflituosas, localizam-se num âmbito mais externo, mais por sua aparência. Para Álvaro Lins, Vitorino seria cômico na aparência, mas dramático na realidade:

[...] vamos compreendendo, em cada nova página, que o seu caráter cômico está apenas na sua inconformidade com a miserável realidade de seu ambiente. Ele representa um ideal de justiça naquela pequena sociedade dominada pela injustiça. O seu cômico decorre do caráter absoluto que ele imprimiu ao seu sentimento de justiça. Vitorino está colocado contra o senhor de engenho arrogante e a favor do senhor de engenho desgraçado, contra os cangaceiros e contra os soldados da polícia, contra todos os excessos e violências. O seu cômico é o seu delírio pela justiça absoluta. Por isso podemos dizer de Vitorino o que se disse de D. Quixote: “Quanto mais rimos dele, mais o respeitamos. (LINS, 1970, p. 38).

“Vitorino Carneiro da Cunha acode a todo chamado”, é o que diz a personagem ao mestre José Amaro numa das conversas rotineiras entre eles, posicionando-se claramente como um herói, o que ostenta com muito orgulho, e ele irá provar isso justamente a duas outras figuras importantes do romance: ao mestre seleiro Amaro, seu compadre, e ao coronel Lula de Holanda, quando humilhado por cangaceiros que lhe invadem a casa grande. Assim, defende pessoas de condições sociais e econômicas muito distintas e nesses dois exemplos são desafiados o cangaceiro Antonio Silvino (no caso de Lula) e a autoridade da força policial (no caso do Mestre Amaro).

Nas arbitrariedades de Antonio Silvino, homem temido e respeitado pelo povo e senhores de engenho, e seu bando, quando ameaçam de morte o coronel Lula para lhe tomar o ouro que estaria escondido, Vitorino, presente no local por acaso, imediatamente sai em defesa do velho coronel travando diálogo com o fora da lei Antonio Silvino:

- Quem é você velho?
- Vitorino Carneiro da Cunha, um criado às suas ordens.
- E o que quer de mim?
- Que respeite os homens de bem.
- Não estou aqui para ouvir lorotas.

— Não sou loroteiro. O capitão Vitorino Carneiro da Cunha não tem medo de ninguém. Isto que estou dizendo ao senhor disse na focinheira do tenente Maurício. (REGO, 1984, p. 236).

Mais adiante, a força policial que combateria os cangaceiros, prende o cego Torquato para interrogatório, suspeito de favorecer com informações os criminosos, e Vitorino deixa transparecer sua crítica contra os excessos da força policial do Estado, representado na pessoa do tenente Maurício:

— Tenente, pegamos aquele cego do Mogeiro, ali na boca da rua.  
— Traga ele cá.  
— Já está dando em cego, tenente? – perguntou Vitorino, com uma gargalhada.  
— Vá para o inferno, velho besta.  
— De lá eu lhe escrevo. (REGO, 1984, p. 242).

Em seguida o cego Torquato será torturado, e Vitorino, tentando defendê-lo, volta a criticar a prática de tortura da força policial:

Com pouco, os gritos do cego enchiam a vila de pavor. Chegavam mulheres para a janela. O tenente estava botando o cego Torquato em confissão. Vitorino, na porta da igreja falava alto. Aquilo era uma miséria. Um soldado passou por ele e parou para ouvir:  
— O que é que está dizendo, velho?  
— Vocês todos são uns mofinos. Estão dando num cego. (REGO, 1984, p. 243).

Nesse momento aparece talvez o retrato mais humano e solidário de Capitão Vitorino, na sua sede pela justiça, em que tenta desesperadamente livrar das torturas e da cadeia seu compadre Amaro, o cego Torquato e o negro Passarinho, mostrando toda sua força, seu respeito pelo ser humano, recusando-se a compactuar com a opressão, arriscando-se ao ponto de junto com eles dividir a cela e as terríveis torturas:

A agitação de Vitorino não o fazia parar. E quando o juiz saiu para casa, acompanhou-o. Tinha que tomar uma providência. Ele, Vitorino Carneiro da Cunha, não podia se calar. [...] E na sala do juiz, com sua letra trêmula, devagar, parando de quando em vez, como se estivesse numa caminhada de léguas, escrevia o capitão Vitorino as palavras que pediam liberdade para os pobres, para o compadre, para o cego, para o negro. (REGO, 1984, p. 249).

Quando se pensava que todo o fôlego do cavaleiro da várzea havia se esgotado, que havia atingido todos os limites no campo de suas batalhas, o capitão adiantava-se em seus sonhos políticos, em que haveria de ser o prefeito da cidade, que estabeleceria a paz



e a ordem. Seria aclamado, respeitado e considerado herói. Iria aplicar derrotas ao delegado, ao rico coronel, aos bandoleiros e aos políticos que há tempos prevaleciam na região. Enfim, imaginava um futuro que em nada condizia com a realidade do presente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto até aqui, buscou-se uma análise que possa aproximar alguns dos aspectos compreendidos dentro do universo quixotesco da obra cervantina, na personagem que apresenta qualidades de herói que age por princípios de justiça e de solidariedade humana, sendo que os mesmos elementos podem ser identificados no romance **Fogo Morto** de José Lins do Rego, a partir da configuração da personagem Capitão Vitorino. Para tanto, buscamos, neste trabalho, limitar um conjunto de informações que dessem uma noção mais precisa sobre o que pode ser compreendido como quixotesco ou o ser quixotesco e também como seria a maneira que esse ser atua nos espaços do idealismo e da realidade.

Somou-se a isto a idéia de que na mente quixotesca de personagens como Capitão Vitorino, há a distorção da realidade, causando o que Lukács chama de demonismo, ou o encurtamento da alma, o que se traduz numa espécie de delírio, que faz ver coisas que na realidade não estão ali.

Capitão Vitorino talvez não atue tão delirantemente quanto o D. Quixote, mas como este, a força de seu ideal lhe dá impulsos que se transformam em inquietantes conflitos e constantes andanças no plano da obra. Seus pensamentos atuam num ritmo mais acelerado do que suas constantes desavenças, em contraste com o andar moroso de sua montaria.

Antes de uma tentativa de comparar as duas obras, distantes no tempo e no espaço, procurou-se comparar as personagens em sua trajetória. Para tanto, não foi feito um paralelo apontando semelhanças entre os planos das narrativas de Cervantes com a de Lins do Rego, e sim a focalização da análise dos episódios que envolvem os personagens, o que há em comum naquilo que os move e que lhes dá mais brilho e intensidade.

Entendemos, então, que o idealismo, a justiça, a solidariedade e o cômico são alguns dos elementos que compõem a construção das personagens do Quixote e de Capitão Vitorino, sendo estes elementos, além de outros possíveis, os escolhidos para

serem analisados em **Fogo Morto**.

Partindo desses elementos, foram sinalizadas diversas passagens do romance de Lins do Rego na tentativa de se comprovar que a personagem do Capitão Vitorino Carneiro da Cunha também se constrói como uma triste figura, não só pela aparência, mas também pelos seus sonhos e atitudes que, aos olhos dos outros, despertam um sentimento de pena. O próprio Vitorino tinha consciência de que seus bens mais valiosos eram internos e não externos, sendo que estes últimos poderiam ser muito bem descartados.

Por fim, é importante lembrar que os estudos que se podem fazer sobre o Quixote e Capitão Vitorino, ou mesmo entre as obras, são inúmeros, sendo o primeiro uma referência para toda a literatura ocidental, e o segundo, uma das grandes personagens da Literatura Brasileira, constituindo-se em um amplo campo para análises literárias.

CRUZ, Paulo Roberto da Silva; FREIRE, José Alonso Tôrres. Representações quixotescas no Capitão Vitorino, em Fogo Morto, de José Lins do Rego. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 1, p. 134-151, nov. 2014.

***QUIXOTIC REPRESENTATIONS IN CAPTAIN VITORINO, IN DEAD FIRE BY  
JOSÉ LINS DO REGO***

***ABSTRACT***

*In this study, we analysed characteristics in the quixotic character Captain Vitorino, the novel Fogo Morto, by José Lins do Rego. For this, there was a delineation of a set of elements found in the character Don Quixote, by Miguel de Cervantes, possible to also be checked in the character Captain Vitorino, of Fogo Morto, such as solidarity and the pursuit of justice, beyond dramatic and comedic acting simultaneously. Adding to this, we discuss further the idea of being and acting and the quixotic hero figure of abstract idealism, to a greater understanding of the construction of the character under study here. Finally, the convergent and divergent points between the character and the hero Captain Vitorino with quixotic characteristics in an attempt to identify possible similarities in the composition of characters created in different historical and literary moments.*

***Keywords:*** *Brazilian Literature. José Lins do Rego. Fogo Morto.*

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamim. Os ritmos do tempo em torno do engenho. In: REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984. p. 267-274.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. 8. ed. São Paulo: Globo, 1999.
- CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: **Brigada Ligeira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 59. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CASTELLO, José Aderaldo. Prefácio. In: REGO, José Lins de. **Menino de Engenho**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. XXVII.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Global, 2001. v. 5.
- DANTAS, Santiago. **D. Quixote**: um apólogo da alma ocidental. Brasília: UNB, 1979. 80 p. (Cadernos da UNB).
- LINS, Álvaro. Um novo romance dos engenhos. In: REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- LUKÁCS, Georg. **Teoria do Romance**. Porto Alegre: Presença, 1962.
- MOREJON, Julio García. Cervantes e o “Quixote”. In: SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **D. Quixote de La Mancha**. Trad. Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difel, 1963. v. 1. p. 05-23.
- REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. (Coleção Sagarana).
- REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **D. Quixote de La Mancha**. Tradução de Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difel, 1963. v. 1.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **D. Quixote de La Mancha**. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Círculo do Livro, [entre 1973 e 2000].
- VERÍSSIMO, José. Miguel de Cervantes e D. Quixote. In: VERÍSSIMO, José. **Homens e coisas estrangeiras**: 1899-1908. Prefácio de João Alexandre Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 437-445.

*Recebido em 10 de junho de 2014.*

*Aprovado em 15 de julho de 2014.*